

# **Aldo, pai de um rapaz que não vê, não fala, não anda: “Vale a pena”**

Aldo é um médico que conheceu o Opus Dei através de projetos de cooperação internacional. Cooperador do Opus Dei, fala-nos neste testemunho da sua família, do que significa criar um filho com uma lesão cerebral e dos projetos em que participou com o ICU (Instituto para a Cooperação Universitária).

13/12/2023

“Hoje o nosso filho Rodrigo tem 27 anos – conta Aldo, médico da Fatebenefratelli de Palermo –, não anda, não vê, não fala e eu e a minha mulher Neyda não conseguimos tratar dele sozinhos. Vicissitudes da vida como esta podem levar-nos a considerações erradas: *rezo, mas de que serve?* Vou à Missa mas não me apetece. O facto de poder usufruir deste grande património humano que é a Obra ajudou-me a nunca me desviar”.

Aldo tem 62 anos e conheceu o Opus Dei graças ao ICU, no final dos anos 80: “Conheci Umberto Farri – conta Aldo –, que tinha criado o ICU e, quando falávamos quinze minutos com ele, de repente estávamos na Rússia ou na China, embora estivéssemos fisicamente em Roma.

Umberto conseguia fazer-nos sonhar mas mantendo os pés no chão”.

Na verdade até a mulher de Aldo, Neyda, venezuelana, tinha “conhecido” o fundador do Opus Dei através da leitura do Caminho, quando andava na escola, e isto simplesmente deu um empurrão extra a Aldo que, no início da sua carreira de médico, procurava uma experiência profissional no estrangeiro.

## **No Peru, entre o desenvolvimento e o terrorismo**

Em 1989, Aldo e Neyda partiram para o Peru com o ICU, a San Vincente de Cañete. “Foi uma aventura um pouco atribulada – recorda Aldo –, porque nessa altura ainda havia muito terrorismo e o programa de cooperação incluía também o desenvolvimento agrícola e a criação de gado. Os terroristas destruíram a casa destinada para os médicos.

Mudámo-nos então do interior para a costa, porque era mais seguro para nós, estrangeiros. Foram anos maravilhosos – continua Aldo –, foi ótimo fazer parte desse projeto. No início, eu era um bocado rabugento. Comecei a aprender o dom da paciência que os outros profissionais envolvidos no projeto tinham para comigo. Quando regressei a Itália, estava mais inclinado para uma abordagem mais direta ao doente e fui contratado para o departamento de medicina interna, especializando-me em pneumologia e doenças respiratórias”.

Parte do projeto do ICU envolvia a formação profissional de mulheres locais para melhorar as suas vidas e as das suas famílias: “A minha mulher e eu reparámos que as raparigas e as mulheres que frequentavam a escola do hotel vinham como camponesas desnorteadas que depois se

tornavam pessoas verdadeiramente instruídas, capazes de cuidar das suas casas e dos seus entes queridos”.

## **Epidemias de cólera e macacos que roubam biberões**

Enquanto Aldo estava no Peru, surgiu uma epidemia de cólera na vizinha Bolívia. O UCU obteve autorização para se deslocar à Bolívia para ajudar a combater a emergência: “Fizemos alguns levantamentos numa cidade chamada El Alto. Apercebi-me de que, nesses contextos, com apenas algumas coisas, como a construção de um poço ou a formação de algumas mulheres numa profissão, era possível transformar toda a microeconomia de uma aldeia”.

Alguns anos mais tarde, Aldo voltou a ser voluntário num projeto do ICU, desta vez na Etiópia: “Foi mais uma aventura dentro da aventura –

salienta Aldo –, porque partimos com a nossa filha mais velha, Alessia (assim chamada em homenagem a Alexia Barros), que tinha pouco mais de um ano na altura. Uns macacos roubaram-lhe o biberão, que era o único disponível no país onde vivíamos, e passados alguns dias ficou sem leite em pó e tivemos de viajar mais de duas horas até ao centro da cidade mais próxima para os ir buscar”.

## **Rodrigo Álvaro Josemaria Santiago, forte como El Cid**

Alguns anos depois de Alessia, que hoje é médica em Espanha, Aldo e a sua mulher Neyda tiveram outro filho, Rodrigo Álvaro Josemaria Santiago. Quando tinha apenas quarenta dias de vida, Rodrigo teve uma bronquiolite que lhe causou enormes lesões cerebrais. Atualmente, tem vinte e sete anos e vive com uma saúde muito precária.

“Já não podemos viajar juntos, mas na verdade os efeitos mais impactantes são na nossa vida quotidiana, porque a doença do Rodrigo faz-me, por exemplo, acordar às quatro da manhã durante a semana. Além disso, é cada vez mais difícil encontrar pessoas qualificadas que nos possam ajudar diariamente, de segunda a domingo”.

“Todos os nomes do nosso filho têm um significado – explica Aldo. – Rodrigo, porque é o nome de El Cid Campeador, cuja coragem ele personifica, uma vez que enfrentou a morte muitas vezes e saiu vitorioso. Santiago, porque foi o grito de guerra dos cristãos durante a Reconquista. Josemaria e Álvaro, pela nossa devoção ao fundador do Opus Dei e ao seu sucessor”.

## **O Opus Dei? Uma jangada**

“Infelizmente, de uma forma pouco inteligente – afirma Aldo –, só utilizo

a ajuda que o Opus Dei me pode dar como uma jangada: sempre que estou prestes a afundar-me, agarro-me a ela. Para mim, é uma grande certeza ter sacerdotes que nos fazem pensar, mas sobretudo amigos que encontramos só pelo gosto de estar com eles. Com afeto, são capazes de me corrigir e de me guiar”.

“Além disso – conclui Aldo –, de S. Josemaria e da sua história, agrada-me muito a experiência da amizade com Deus, que não é um passe para uma vida sem dificuldades. A certeza absoluta da tarefa que o Senhor lhe tinha confiado fez com que o fundador do Opus Dei continuasse a viver apesar da guerra civil espanhola e de muitos outros obstáculos. Vale a pena confiar no Senhor, sabendo que a coisa que conta mais do que todas as outras é chegar ao Céu”.

---



pdf | Documento gerado  
automaticamente a partir de [https://  
opusdei.org/pt-pt/article/aldo-pai-de-  
um-rapaz-que-nao-ve-nao-fala-nao-  
anda-vale-a-pena/](https://opusdei.org/pt-pt/article/aldo-pai-de-um-rapaz-que-nao-ve-nao-fala-nao-anda-vale-a-pena/) (20/01/2026)